

**UMA ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA QUE ABORDA A VIDA DE PATRÍCIO:
J. B. Bury (1905); R. P. C. Hanson (1968, 1978); E. A. Thompson (1986)**

Dominique Vieira Coelho dos Santos
Doutorando em História - UFG

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise da historiografia que tem como temática a vida de São Patrício. Abordamos alguns problemas encontrados nas obras que dissertam sobre esta questão com a finalidade de compreender algumas mudanças de posicionamento que ocorreram ao longo do século XX com relação aos estudos sobre a vida e a obra de São Patrício.

PALAVRAS-CHAVE: historiografia, Irlanda, São Patrício.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the historiography about the life of Saint Patrick. We approach some problems found in the works that dissert on this question purposing to understand some changes in the positioning that had occurred during 20th century in the studies on the life and the Saint Patrick's career.

KEY-WORDS: historiography, Ireland, Saint Patrick.

Apresentamos neste artigo uma análise da historiografia que aborda a vida de São Patrício tentando situar alguns problemas que encontramos nas obras que dissertam sobre esta questão. Como o leitor poderá observar, elegemos três autores específicos como objeto de nossa investigação. Nossa escolha se deu pelo fato de suas obras serem citadas pela grande maioria dos estudiosos do tema e também por representarem, cada uma delas, uma situação específica na história dos estudos acerca de São Patrício. Não havia como analisar muitas obras, pois isso requereria mais tempo e ultrapassaria em muito os objetivos deste artigo. Por este motivo, selecionamos algumas obras específicas.

A primeira obra escolhida por nós é *The Life os St. Patrick and his place in History*, de autoria de John Bagnell Bury, publicada em 1905. Nós tomamos conhecimento de sua existência observando as análises de Thompson, que afirma que com ela se iniciam os estudos modernos sobre a vida de Patrício. A seguir, comentamos as obras de R.P.C. Hanson, escritas respectivamente em 1968 e 1978, o que nos permite perceber algumas

mudanças na historiografia sobre Patrício. Por fim, abordamos a obra *Who was saint Patrick* de autoria do próprio Thompson, escrita em 1986. Desta maneira, abordamos uma obra escrita no início do século passado, duas que datam aproximadamente da metade do mesmo século e uma que foi publicada já nas proximidades do fim do século, sistematizando diversas críticas elaboradas ao longo de um determinado período. Tentamos com este procedimento, apesar de todos os problemas que ele pode sugerir, nos aproximar das principais discussões que foram apresentadas pela historiografia ao longo do século XX sobre São Patrício.

John Bagnell Bury nasceu no ano de 1861 em Monaghan, um dos condados da República da Irlanda, situado na província do Ulster e morreu em 1927. Ele foi um dos historiadores mais eruditos do século XX, sabia grego, latim, russo, sânscrito e hebraico, entre outros idiomas. Só havia três línguas européias que Bury não falava. Ele produziu e comentou uma edição da obra de Gibbon *Declínio e queda do Império Romano* e contribuiu para a *Encyclopaedia Britannica* publicada em 1911. Tem diversas publicações sobre Império Romano e uma obra sobre a invasão dos povos bárbaros na Europa. Thompson (1986: 9) diz que foi Bury quem cunhou o termo “Império romano tardio” usado para denotar a história romana nos séculos finais do Império Romano no Ocidente. A obra de Bury que nos interessa tem como título *The life of St. Patrick and his place in History* e foi publicada por ele em 1905.

A tese defendida por Bury nesta obra é que devemos compreender São Patrício em seu contexto no interior do Império Romano do Ocidente. Assim, o lugar de Patrício na história está reservado como um cristianizador de povos bárbaros no contexto do avanço do cristianismo para além das fronteiras do Império Romano. Segundo Bury (1905), a contribuição de Patrício foi colocar a Irlanda em conexão com a Igreja do Império fazendo assim parte da cristandade universal, converter reis que eram pagãos e organizar o cristianismo já existente na Irlanda. Nesta obra, Bury trata de questões relacionadas com as datas e os lugares por onde Patrício teria passado. Thompson (1986: 176) afirma que esta obra de Bury “foi a última palavra no assunto e encerrou os estudos acerca de Patrício por um geração inteira”. O autor segue dizendo que, com exceção de alguns detalhes “ninguém poderia esperar contribuir para a obra de Bury no sentido de melhorá-la” e que ele tinha escrito uma obra que “parecia que para sempre seria um padrão para se falar da vida de São Patrício”.

Bury diz que sua intenção é explicar este período da história irlandesa não apontando a vida de Patrício em um período de crises na história da Irlanda, mas em

primeiro lugar como um “apêndice” para a história do Império Romano e em segundo lugar, apenas como mais um “episódio notável” entre uma série de conversões no norte da Europa (BURY, 1905: 5). Por este motivo, Bury está interessado em ilustrar as relações que ocorriam entre os vários povos nas fronteiras do Império Romano. Bury justifica seu trabalho dizendo que o que ele fez partiu de um “exame metódico das fontes”. É isso que Thompson (1986) aponta como sendo “métodos modernos de interpretação”. Lendo a obra de Bury percebemos que isso significa que ele usou seus conhecimentos de arquivo, filológicos e hermenêuticos para interpretar as inúmeras fontes que mencionavam a vida de Patrício e que ele conseguiu localizar em suas pesquisas.

Bury tenta mostrar que, para compreendermos a conversão da Irlanda, temos que pensar este fenômeno como um episódio da história da Europa e que devemos levar em consideração as maneiras gerais de propagação do ideal cristão no Império Romano. Segundo Bury, a Europa sem o Império era inimaginável e que o domínio de Roma parecia uma “ordem universal” e “um globo girando em torno de si próprio” (BURY, 1905: 9). Para ele, a existência do Império é que “condicionou” o sucesso de uma religião “universal” na Europa (BURY, 1905: 2). Assim, o autor vai localizando diversas formas de cristianização ao longo do Império. Segundo ele, vários povos que viveram nas fronteiras com o Império Romano conheceram o cristianismo por meio de cativos de guerra, e também por mercadores. Isso confirmaria o fato de que a cristianização dos bárbaros, até o sexto século, não era um plano da Igreja, mas “meros acidentes” a partir das relações que o Império tinha com seus vizinhos. Assim, o que ele chama de “missões” aos gentis eram limitadas ao mundo romano (BURY, 1905: 7). Desta maneira, Bury caracteriza a conversão da Irlanda ao cristianismo como um “modesto” lugar entre outras mudanças que ocorriam na Europa do século V.

John Bagnell Bury afirma que não devemos acreditar que Patrício tenha sido o primeiro missionário a tentar cristianizar a Irlanda, pois, quando ele chegou lá, já havia cristãos na ilha. E ainda, segundo ele, não temos motivo para acreditar também que Patrício pregou por toda a Irlanda, mas que ficou restrito a um pequeno distrito no Leinster. No entanto, Patrício é importante por ter “assegurado” a permanência do cristianismo na Irlanda (BURY, 1905: 212). Bury diz que, a partir de Patrício, a Irlanda passou a ter uma nova conexão com Roma e o Império romano. Em sua opinião, havia diversas relações envolvendo a Irlanda, a Gália e a Bretanha, mas somente a partir destes acontecimentos, a Irlanda “estava pronta” pra entrar em associação “mais direta e intimamente” com a Europa Ocidental por ter se tornado “uma parte organizada do mundo cristão” (BURY, 1905: 213).

Seguindo esta linha de raciocínio, Bury afirma que estas ligações históricas “importantes” que “marcaram” a história da Irlanda como “um país europeu” foram “obscurecidas” depois da morte de Patrício pela Igreja irlandesa. Segundo ele, neste período as relações com o “centro” foram suspensas (BURY, 1905: 215). O autor afirma que as ligações só voltariam a ser feitas, marcando uma espécie de “retorno ao sistema estabelecido por Patrício”, no século VII (BURY, 1905: 216).

A obra de John Bagnell Bury sobre a vida e a obra de São Patrício apresenta alguns problemas. Como podemos ver, o autor aponta Roma como um “centro” e o contexto da cristianização irlandesa deve ser entendido apenas em torno do Império Romano. Estas idéias apresentam um conceito de “romanização” bastante coeso e mostra uma noção do que Bury chama de “Idéia romana” muito fechada e fixa. Não podemos nos esquecer de que Bury escreveu esta obra em 1905 e que atendia a outras lógicas de pensamento vigentes em sua própria época. Quando Bury a escreveu, ainda fazia sentido pensar desta maneira. Em tempos mais recentes, esta visão acerca de Roma e da romanização já foi e é questionada por inúmeros trabalhos. Citamos uma obra que data de 100 anos após a obra de Bury para vermos como esta interpretação acerca da romanização mudou. Trata-se do capítulo, escrito por Richard Miles, “Communicating culture, identity and power” que integra a obra *Experiencing Rome: Culture, Identity and Power in the Roman Empire* de Janet Huskinson (2005: 29-62).

Nesta obra, Miles defende que as identidades são sempre construídas mediante as representações que os grupos ou as pessoas fazem de si mesmas e dos outros. Isto significa falar de jogos de poder, principalmente o poder de configurar representações. Estas identidades só podem ser construídas, mantidas e contestadas mediante comunicação e no mundo romano, comunicação é necessariamente uma exploração da relação entre a oralidade e a literalidade. Assim sendo, a tese principal de Richard Miles é de que só é possível entender cultura, identidade e poder no império Romano se forem pensados de forma relacional e imbricados ao conceito de comunicação. Por este motivo, a romanização não representa uma completa supressão¹ das culturas locais e das linguagens que eram usadas em suas articulações. A romanização era um processo que envolvia apropriações de

¹ Toma de posesión; cambio di gestione; Übernahme; possivelmente, “tomada de poder”, em português.

ambos os governos² e culminava na criação de novas narrativas imperiais (MILES, 2005: 29-62).

Então, esta visão de Bury sobre Roma como um “centro” poderoso e que determinava as relações até mesmo fora das fronteiras do Império e da romanização como um *modus vivendi romanorum* que era determinado a outros povos, apesar de problemática, deve ser compreendida em seu contexto, mas isso não descaracteriza o teor do problema desta tese. Talvez só não possamos exigir que Bury tenha percebido isso na época em que escreveu sua obra. Situar São Patrício e verificar qual é “o lugar dele” na “História” significa, na obra de Bury (1905), relacionar a vida de Patrício com um contexto romano imperial. Assim, a história da Irlanda se torna uma “história menor” dentro da narrativa de uma “história maior” que é a história romana. Nas palavras do autor, a história da cristianização da Irlanda no século V é, como já foi mencionado acima, um “apêndice” da história do Império Romano do Ocidente (BURY, 1905: 5).

Outro problema da obra de Bury, que também deve ser entendido no contexto em que ela foi escrita, é que ele aceita as informações da *Vita Patricii* escrita por Muirchu³, dos *anais irlandeses*⁴ e de outros documentos como a *Senchus mor*⁵ como “verdadeiras” e “dignas de confiança”. Ele considera que a partir destas obras podemos fazer inferências “seguras” acerca da vida e da carreira missionária de Patrício na Irlanda. Este problema só foi questionado em 1962, quando D.A. Binchy publicou um artigo intitulado “*Patrick and his Biographers, Ancient and Modern*”. Segundo Binchy, o livro de Bury é “viciado” em erros porque admite as informações destas obras que ele considera “seguras” como verídicas. Para Binchy, as únicas verdadeiras informações que podemos ter sobre Patrício estão em seus próprios escritos (BINCHY, apud: THOMPSON, 1986: 177). Outro autor citado por Thompson que questionou a obra de Bury foi James F. Kenney, em sua obra “*The sources for the Early History of Ireland*”, publicada em 1966. Segundo Kenney, talvez o exame tão crédulo que Bury fez tenha sido “devido ao excesso das fontes” que fez com que por meio do cruzamento de tantas informações ele pensasse poder estar seguro acerca da

² “Rulers” em português pode significar ainda: poderes, administrações, gestores etc. O autor pretende dizer que não havia romanização no sentido de uma imposição romana de mão-única sobre as culturas “dominadas”. Ao contrário disso, o que havia eram apropriações de ambos os lados.

³ A “*Vita Patricii*” foi a primeira vida de São Patrício. Ela foi escrita por *Muirchu*, que é considerado seu principal Hagiógrafo, em Latim, no século VII. Nesta obra, *Muirchu* narra além da vida de Patrício, muitas coisas sobre os costumes dos povos irlandeses.

⁴ Uma coletânea de textos recolhidos de vários manuscritos irlandeses medievais.

⁵ Existe na Irlanda um conjunto de leis escritas em gaélico arcaico. Essas leis foram traduzidas em 1852 em seis volumes e ganharam o título de “As antigas leis da Irlanda”. É comum ver referência a elas como “*Brehon Laws*”. À primeira parte das leis contida neste código dá-se o nome de *Senchus mor* (Klingen, 1997, p.11).

veracidade das sínteses que conseguiu elaborar e que Bury estava “levemente voltado para a tradição” (KENNEY, apud: THOMPSON, 1986: 177).

Estes são, em nossa opinião, os dois principais problemas da obra de Bury. Nós podemos perceber que ele procura apresentar Patrício como alguém importante por ter cristianizado a Irlanda ou por ter organizado um cristianismo pré-existente na Ilha. John Bagnell Bury acredita nas informações encontradas nos documentos irlandeses e as considera fidedignas e a partir delas localiza o contexto em que Patrício teria vivido, só que ele constrói uma história dos contextos imperiais romanos no século V para enquadrar Patrício e a Irlanda nela, pois acredita que devemos localizar o lugar de Patrício na História levando em consideração a história do Império Romano. Assim, temos que aceitar a premissa de Roma como um “centro” e o fato de Patrício ter “ligações” com a Igreja Católica Romana para que essas descrições façam sentido.

Outro autor que merece aqui a nossa atenção é Richard Patrick Crosland Hanson. Ele nasceu em 24 de novembro de 1916 em Londres, na Inglaterra e morreu em 23 de dezembro de 1988. Durante sua vida, escreveu diversas obras sobre a história do cristianismo e da Igreja e publicou diversos artigos sobre assuntos teológicos. Foi professor de História e de Teologia contemporânea na Universidade de Manchester, deu aulas no Westminster College, Cambridge e foi membro da *Royal Irish Academy* e da *Society for the Study of Theology*. Sabia grego, latim, inglês, francês, alemão e italiano. Entre suas obras mais importantes estão: “*Tradition in the Early Church*” (1962); *Mystery and Imagination: Reflections on Christianity* (1976) e *The search for the Christian Doctrine of God: The Arian Controversy, 318-381* (1988). Além das que nos interessam mais diretamente neste artigo: “*Saint Patrick: His origins and Career*” (1968) e “*St. Patrick: Confession, Lettre a Coroticus*” (1978).

Quando fala acerca de São Patrício, sua origem e sua carreira, Hanson (1968) descreve o contexto da Bretanha e da Igreja britânica do século V. O autor acredita que uma obra que pretenda abordar a vida de Patrício deva investigar seu contexto na Bretanha do século V. Hanson considera este ponto essencial, não só pelo fato de Patrício ser um bretão, mas porque foi na Bretanha que Patrício aprendeu tudo o que sabia sobre as doutrinas cristãs e os ensinamentos bíblicos que lhe eram ministrados em latim. Hanson tenta então apontar os principais momentos da história da Bretanha do século V e também explicar qual era a situação da Igreja bretã neste período. Isso ocupa o autor nos dois primeiros capítulos de sua obra.

A seguir, Hanson (1968) faz uma crítica documental acerca dos textos que encontramos sobre São Patrício. Ele divide os documentos que mencionam o nome do santo irlandês em três categorias: 1) Os escritos do próprio Patrício; 2) Os manuscritos tradicionais irlandeses que tratam de sua vida; 3) As menções feitas a ele nos *Anais irlandeses*. A tese principal apresentada nesta parte é de que de todos estes textos, somente dois são unanimemente reconhecidos como sendo de autoria de Patrício, sua confissão e a carta que escreveu aos soldados de Coroticus. Além destas cartas, alguns estudiosos como MacNeil, Bieler, Newport White, Meissner e o próprio Bury mencionam também outros documentos, que, segundo eles, deveriam figurar nesta categoria: *Dicta Patricii*; *Lorica Patricii*; *Synodus II S. Patricii* e outros inúmeros textos atribuídos a São Patrício que podem ser localizados na “*Collectio Canonum Hibernensis*”. Todavia, Hanson, seguindo as indicações de Binchy, acredita que não possuímos argumentos convincentes para aceitar que estas obras tenham sido escritas por Patrício⁶. Segundo o autor, “a opinião dos especialistas mais eruditos em Irlanda antiga é decididamente contra esta visão” e para isso eles se apóiam “em argumentos lingüísticos” (HANSON, 1968: 75).

Na segunda categoria, Hanson diz que o principal e mais importante manuscrito é o *Livro de Armagh*, escrito em 807 por um escriba chamado Ferdomnach. Este livro contém documentos relatando os feitos de Patrício; o *novo testamento* na versão da vulgata; a *vida de São Martin* escrita por Sulpicius Severus; e alguns *diálogos* também sobre São Martin (HANSON, 1968: 75). Concernente à vida de São Patrício, o manuscrito apresenta a *Vita Patricii* escrita por Muirchu Mocu Machteni; uma outra *vida de Patrício* escrita por Tirechan; uma narrativa chamada “*Liber Angeli*” que se relaciona também a Patrício; uma cópia da *confissão*; e dois hinos em homenagem a Patrício (HANSON, 1968: 76). O autor também diz que existem algumas vidas de Patrício escritas no século VIII e IX que foram impressas em 1647 por Colgan em uma obra chamada *Acta Sanctorum Hiberniae*. Segundo ele, estas informações também são mencionadas em outros documentos medievais e podem ser verificadas na obra *Codices Patriciani*, em que Ludwig Bieler descreve as vidas de Patrício escritas durante a Idade Média. Segundo o autor, todas estas obras se enquadram na categoria de manuscritos tradicionais irlandeses que tratam da vida e da obra de São Patrício (HANSON, 1968: 76-96).

Por fim, na terceira categoria de obras, Hanson nos apresenta uma série de menções ao nome de Patrício nos *Anais irlandeses*. São vários nomes de lugares, datas de

⁶ Não há acordo entre os estudiosos sobre estes textos. Uns acreditam que foram escritos pelo próprio punho de Patrício (Bury, 1905), outros acham que não (Thompson, 1986), mas quanto a estas duas cartas de Patrício existe uma unanimidade no que diz respeito à veracidade das mesmas.

acontecimentos ligados a Patrício e a história da Irlanda, menções a pessoas, etc. Foram nestas informações que muitos historiadores se guiaram para construir uma história que localizasse Patrício e o apresentasse em um contexto histórico específico. Hanson se detém apenas em mencionar alguns problemas que giram em torno destes textos. Em sua maioria, eles abordam a tarefa de localizar Patrício no tempo e no espaço. Saber onde nasceu, onde viveu, por onde passou, com quantos anos morreu, etc. Apesar de citar estes Anais Irlandeses⁷, Hanson diz que “esta investigação seria uma tarefa para especialistas em estudos célticos antigos e não devemos nos ocupar disso nesta obra” (HANSON, 1968: 104). Por este motivo, o autor não diz nada de substancial sobre a questão.

A partir destas investigações, Hanson escreve os capítulos finais de sua obra falando acerca da “carreira de São Patrício como missionário na Irlanda”, “o contexto em que teria vivido” e “as datas relacionadas a Patrício”. O autor começa tentando estabelecer que obra foi escrita em primeiro lugar, a confissão ou a carta aos soldados de Coroticus. A seguir, Hanson tenta encontrar respostas para várias dúvidas acerca do que Patrício menciona em suas cartas, querelas que possuem mais de treze séculos de história e que foram envolvidas em várias disputas pelos mais diversos sentidos. A diferença é que Hanson tenta cumprir esta tarefa dando ênfase às obras escritas pelo próprio Patrício e deixando os textos mencionados na segunda e terceira categoria em segundo plano, apoiando-se neles somente quando não há mais saídas. Somente no último capítulo da obra é que Hanson recorre às referências encontradas nos manuscritos da tradição irlandesa e aos *Anais*.

No capítulo final, Hanson inclui além destas referências, comparações com teorias modernas sobre Patrício. Depois de feitas as análises de todos estes indícios, o autor conclui que “Nós não podemos fornecer datas precisas para Patrício”. Segundo ele, só podemos dizer que nasceu em “algum ano entre 388 e 408”, “pode ter recebido sua educação antes de 420” e que “seria legítimo conjecturar que ele nasceu por volta de 390”, foi seqüestrado “próximo de 406”, “talvez tenha escapado em 412” e que voltou para a Irlanda como um bispo “em algum ponto entre 425 e 435” e “pode ser que tenha morrido por volta de 460” (HANSON, 1968: 188). Segundo o autor, para nós é impossível “reconstruir” os movimentos de Patrício na Irlanda. Este é o motivo pelo qual nós não podemos escrever uma vida de São Patrício em nossos dias de maneira “tão freqüente” e que seja “confiável” como “foi feito no passado” (HANSON, 1968: 197). Assim sendo, ele diz que só podemos afirmar ou negar algumas coisas. E aí ele diz que Patrício “provavelmente” não fez suas

⁷ Hanson classifica os “Anais irlandeses” em seis grupos: 1) *Anais do Ulster*; 2) *Chronicum Scottorum*; 3) *Os Anais de Innisfallen*; 4) *Os Anais de Tigernach*; 5) *Os Anais de Clonmacnoise*; e 6) *Os Anais dos quatro mestres* (Hanson, 1968, p. 213).

matrizes em Armagh. Ele educou alguns filhos de chefes das comunidades locais para a vida monástica e, “em alguma ocasião”, Patrício “pode ter viajado” com eles e “provavelmente” ele tenha se fixado em algum ponto onde poderia estabelecer uma educação regular (HANSON, 1968: 197).

Estas considerações e conclusões feitas por Hanson podem ter levado o autor às idéias que apresentou em sua obra “*St. Patrick: Confession, Lettre a Coroticus*” (1978), onde publicou as duas cartas de Patrício no original em latim com uma versão para o francês. Nesta obra, ele apresenta alguns apontamentos sobre São Patrício e também ricas informações sobre o seu latim. Hanson afirma que a importância de Patrício é nos proporcionar um pouco de conhecimento, embora seja “indireto e fortuito”, acerca da Irlanda do século V. Segundo o autor, nossos conhecimentos acerca da Irlanda neste período são “raros e incertos” e nós podemos considerar Patrício como uma “fonte de primeira mão” para o estudo da Irlanda e da Igreja do século V. Assim, Patrício pode ser considerado um dos autores do *corpus* da literatura patrística e um dos “raros autores bretões” deste período que podemos conhecer (HANSON, 1978: 54).

Sem dúvida alguma, Richard Patrick Crosland Hanson foi um dos autores que mais contribuíram para os estudos acerca da vida e da obra de São Patrício. Thompson chega a dizer que a primeira de suas obras sobre Patrício (1968) foi um “estudo compreensivo que sustentou a área por mais de um ano” (THOMPSON, 1986: 177). Todavia, sua obra apresenta problemas. Ele mesmo foi percebendo alguns destes problemas ao longo do tempo, tanto é que, como mostramos acima, em sua segunda obra (1978), ele se preocupou em traduzir as duas cartas de Patrício para o francês porque, ao nosso ver, passou a acreditar cada vez mais que um estudo acerca da vida deste santo irlandês deveria levar em consideração as cartas que são reconhecidas por unanimidade como tendo sido escritas pelo próprio Patrício, deixando um pouco de lado os outros documentos ou recorrendo a eles em última instância. Devemos lembrar que o olhar de Hanson é vinculado à teologia e aos estudos da história da Igreja, talvez por este motivo ele veja Patrício, e até mesmo o tenta incluir, entre os autores do *corpus* da literatura patrística da Igreja no Ocidente.

Podemos perceber que mesmo tendo chegado a estas conclusões, isso não anula a preocupação de Hanson com os contextos em que Patrício teria vivido, tanto na Irlanda, quanto na Bretanha do século V. O autor parece acreditar que os escritores antigos e medievais podiam escrever vidas de Patrício com mais freqüência pelo fato de estarem “mais próximos” ao tempo em que ele viveu e, por este motivo, eles poderiam escrever obras “mais confiáveis” sobre Patrício. No entanto, o próprio Hanson, apoiado em Binchy,

conclui que várias coisas que encontramos nos documentos posteriores ao século VII sobre Patrício são indignas de crédito e distintas do que pode ter ocorrido no passado.

Podemos observar que Hanson tenta construir uma história dos referentes que apresente um Patrício em seu contexto histórico tanto bretão quanto irlandês, mas ele próprio é obrigado a reconhecer os problemas desta jornada. E desta maneira, o autor tem que usar termos como: “algum ano entre...”; “pode ter recebido...”; “seria legítimo conjecturar que...”; “pode ser que tenha morrido por volta de...”; Patrício “provavelmente não fez suas matrizes em Armagh...” e outros que mencionamos acima. A idéia de Hanson é que já foi possível “reconstruir” o contexto em que Patrício viveu e que isso só não nos é possível mais porque não podemos estabelecer as datas precisas concernentes à sua vida e também não podemos localizar seus movimentos na Irlanda.

Isso mostra que Hanson compartilha de uma idéia de *representação* acerca do passado que acredita que se temos os documentos e temos “acesso aos acontecimentos” e “as datas corretas”, nós podemos *representar* o passado em um texto *de forma fidedigna*, ou seja, de forma “reconstruída”. Hanson só acha que devemos fazer isso a partir dos próprios escritos do Patrício, na medida em que isso for possível, e não dos manuscritos da tradição irlandesa e dos Anais irlandeses, nos apoiando nestes documentos que classificou nas categorias “2” e “3” somente quando for extremamente necessário. A obra de Hanson, em nossa opinião, abre caminho e fornece sugestões para fazermos várias interpretações relacionadas aos enunciados de Patrício contidos em suas duas cartas, como por exemplo, as reflexões de como, nos termos em que Hanson aponta, era o latim, os costumes e o credo da Igreja Bretã do século V.

A próxima obra que comentaremos é a de Edward Arthur Thompson (1986), um classicista e historiador que trabalhava com antiguidade tardia, principalmente as relações entre o Império Romano e os povos bárbaros. Thompson nasceu em Waterford na Irlanda em 1914 e morreu em 1994. Foi professor de estudos clássicos na Universidade de Nottingham de 1948 até 1979 e deu aulas como visitante nos Estados Unidos nas universidades de Michigan e Wisconsin. Em 1964 ele foi eleito um amigo da *British Academy*. Publicou seu primeiro livro em 1947 sobre a vida de Ammianus Marcellinus. Seu segundo livro foi acerca de Átila e os hunos. Entre suas obras mais importantes estão *Romans and barbarians the decline of the western empire* (1982); *Visigoths in the Time of Ulfila* (1966) e a obra que comentamos aqui *Who was Saint Patrick?* (1986).

Em sua análise, Thompson nos apresenta vários detalhes da vida de São Patrício e a Irlanda do século V. Ele mostra que São Patrício não foi o primeiro missionário da Irlanda,

que ele obviamente não foi o santo fazedor de milagres ou ainda quem expulsou as serpentes da Irlanda, como aparece em alguns textos irlandeses. O Patrício apresentado por Thompson em sua obra (1986) foi o primeiro missionário a ultrapassar a fronteira do Império Romano do Ocidente para cristianizar os povos que eram considerados bárbaros pelos romanos. O autor fala da vida de Patrício acompanhando as etapas descritas pelo próprio Patrício em sua *Confissão*. Assim, ele menciona em primeiro lugar o nascimento de Patrício e sua vida na Bretanha. Depois fala de seu rapto e escravidão.

Em seguida, Thompson menciona a fuga de Patrício da Irlanda, sua segunda escravidão e diversas especulações que existem em torno destes fatos. O terceiro capítulo da obra de Thompson é dedicado a tentar compreender os fatos relacionados ao período em que Patrício esteve junto de seus familiares na Bretanha após ter sido escravo na Irlanda e como ele tomou a decisão de voltar pra lá com o objetivo de divulgar as idéias do cristianismo. No quarto capítulo, Thompson fala do cristianismo entre os bárbaros do norte da Europa, entre os quais estão inclusos os celtas irlandeses. A seguir, o autor questiona os fatos relacionados ao apontamento de Patrício como um bispo e os problemas que existem em torno de sua narrativa. Os últimos capítulos da obra de Edward Thompson apresentam reflexões sobre as cartas de Patrício.

Segundo Thompson, Patrício é o único bretão que viveu no tempo do Império Romano que podemos saber alguns fatos significativos sobre sua personalidade (THOMPSON, 1986: 11). Suas cartas são os únicos textos escritos em latim fora da fronteira imperial que nos restaram desta época. Assim, Thompson segue as cartas de Patrício em suas interpretações. Ele acredita que todas as vidas de São Patrício, os *Anais irlandeses* e todos os outros documentos escritos após sua morte não dizem nada que não possamos saber dos próprios escritos de Patrício (THOMPSON, 1986: 13). Assim sendo, ele vai contra as teses defendidas por Bury, o primeiro autor que apresentamos. Segundo Thompson, nós não sabemos quando a Irlanda foi convertida. O fato é que quando Patrício chegou lá já havia cristãos e mesmo após sua morte, após ter passado toda sua vida na Irlanda divulgando princípios cristãos, o território ainda era quase que totalmente pagão, tendo apenas alguns sinais de presença do cristianismo (THOMPSON, 1986: 88).

Patrício não teve tanta importância em sua época ou pelo menos esta importância não foi reconhecida por seus contemporâneos. Durante a vida de Patrício os homens não o reconheceram e mesmo após sua morte, por um espaço de cem anos, nada se falou sobre ele. Ninguém o mencionou neste período como um organizador do cristianismo irlandês, como um pregador ou como o introdutor do cristianismo na ilha. Talvez suas cartas tenham

sido preservadas por mero acaso, um acidente e somente quando foram descobertas é que começaram a falar da vida de Patrício. Segundo o autor, se Patrício nunca tivesse sido pego por piratas e ido para a Irlanda pregar o cristianismo aos irlandeses e depois tivesse escrito suas cartas, provavelmente nunca ouviríamos seu nome. Thompson sustenta, então, que a maior contribuição de Patrício não foi converter milhares de irlandeses, mas escrever a sua confissão e a carta que pretendia que alcançasse Coroticus e se não tivesse escrito estes dois textos e os mesmos não tivessem chegado até nós, seu nome não seria nem conhecido (THOMPSON, 1986: 156- 157).

Edward Arthur Thompson (1986: 65) diz que sabemos pouco sobre os métodos que os cristãos usaram para difundir sua fé dentro do Império e quando o assunto são os rumos que o cristianismo tomou fora dos limites da fronteira do Império Romano isto torna-se uma questão “obscura” e uma “tentadora” parte da “história romana”. É uma tarefa impossível ver Patrício em seu contexto social. Tanto na Bretanha, quanto na Irlanda, seu contexto está “irremediavelmente” perdido. Não temos como saber também como sua vida e suas atividades foram percebidas por outros grupos. Assim, Patrício existe em um “vacuum” quando o assunto é a Irlanda e também está “isolado” quando tentamos vê-lo em seu contexto bretão, porque não temos outros autores bretões para nos dar “uma luz” sobre o assunto em questão (THOMPSON, 1986: 152). Patrício não menciona nada sobre Pelágio e sobre o pelagianismo, não diz nada sobre Diocleciano, sobre o caos britânico do século V e as invasões saxônicas, não nos informa sobre o saque dos visigodos a Roma em 410 e nem sobre outros fatos que consideramos significativos e que são contemporâneos a ele, afirma Thompson (1986: 154).

A obra de Thompson leva no título uma pergunta: Quem foi são Patrício? E ele a responde ao longo de 175 páginas, debatendo com vários historiadores que já trataram do mesmo tema, incluindo os que citamos neste artigo. A síntese da resposta que Thompson elabora em sua obra é que Patrício foi um homem que nasceu na Bretanha no fim do quarto século, e que, apesar de ser filho de religiosos e educado segundo os princípios cristãos, viveu de forma rebelde à fé de seus pais até a idade de dezesseis anos quando foi seqüestrado por piratas e vendido como escravo na Irlanda. Após isso, conseguiu fugir e mais tarde voltou para a ilha para fazer o que nenhum bispo católico tinha feito antes dele, que foi ir para terras bárbaras divulgar o cristianismo. Não há razão para acreditarmos que Patrício tenha introduzido o monasticismo na Irlanda e nem que tenha sido um monge (THOMPSON, 1986: 94). Patrício morreu no fim do século V em uma Irlanda ainda quase totalmente pagã e não foi lembrado por ninguém até suas cartas serem encontradas mais

de cem anos depois de sua morte. Desta maneira, o Santo dos irlandeses é um bretão, o único que podemos saber sobre sua personalidade de forma significativa e foi importante não por ter cristianizado parte da Irlanda, mas simplesmente porque, como o contexto em que teria vivido está perdido para sempre, usando textos, só podemos saber sobre a Irlanda e a Bretanha do século V por meio de suas cartas (THOMPSON, 1986).

Com esta obra de Thompson, finalmente podemos ler alguém admitindo que o contexto da Irlanda e Bretanha do século V está perdido para nós. Ainda assim, o autor passa toda sua obra discutindo com as teorias de outros estudiosos da vida de São Patrício quanto aos referentes. Da página 26 até a 31, por exemplo, Thompson discute com Bieler, Bury e MacNeill, se Patrício teria ido à Gália e onde teria passado os vinte e oito dias que ele menciona em sua *Confissão*. Por fim, Thompson afirma que Patrício teria sim desembarcado na Gália. Os argumentos que ele sustenta apresentam as mesmas situações hipotéticas que demonstramos acima quando comentamos a obra de Hanson (THOMPSON, 1986: 26).

Este tipo de argumentação, ao nosso ver, é de ordem distinta do tipo de inferência que Hayden White menciona em seu artigo “*A interpretação na história*”. Segundo o exemplo fornecido por este autor, se nós sabemos que Júlio César, em uma determinada época, esteve na Gália e, em outra época posterior, ele esteve em Roma, nós podemos, a partir destes dois fatos, inferir de forma legítima que César tem que ter ficado entre estes dois lugares no intervalo entre estas duas épocas (WHITE, 2001: 76). White ainda concorda com Collingwood e faz questão de citar uma afirmação deste autor em que ele diz que sem este tipo de inferência “nenhuma narrativa histórica pode ser produzida” e que ele chama estas referências de “imaginação construtiva” (WHITE, 2001: 76). O tipo de argumento que Thompson usa não permite inferirmos e afirmarmos com segurança que Patrício esteve na Gália. Só poderemos fazer isso se concordarmos e imaginarmos o mesmo tipo de situação que o autor imagina. Já no exemplo de White, se trata de uma argumentação que não permite que dela discordemos. Pois se em uma determinada época A estava em B e em outra época, posterior a essa, A estava em C, logo, neste intervalo, A tem que ter estado, necessariamente, em algum lugar e tempo entre B e C.

O fato é que Thompson, apesar destas tentativas e argumentações a favor dos contextos, pede uma espécie de desculpas e fica tentando se justificar por não poder localizar o contexto em que Patrício teria vivido na Bretanha e na Irlanda do século V. Ele tenta mostrar para seus leitores que o fato de não sabermos onde fica Bannaven Taburniae, local em que Patrício nasceu, não diminui em nada a vida dele e tenta nos convencer de

que não faz tanta diferença assim sabermos onde é que Patrício nasceu e para isso cita o argumento de que não era costume no século V se registrar o lugar de nascimento das pessoas. Thompson chega a perguntar se nós estimaríamos mais a carreira de Júlio César e seu significado seria mudado se soubéssemos com certeza o ano e o lugar de seu nascimento ou se nós estimaríamos mais a *Ilíada* ou nossa admiração sublime por ela seria evaporada se soubéssemos onde e quando Homero nasceu (THOMPSON, 1986: 13).

Thompson apresenta a preocupação e tenta saber o porquê de Patrício não mencionar determinados fatos que ocorreram mais ou menos em sua época. O autor comenta, por exemplo, que Patrício não diz nada sobre o saque dos visigodos a Roma em 410. Talvez este ataque tenha sido importante apenas se levarmos em consideração uma história do Império Romano e de suas crises. Este ataque foi considerado por Agostinho de Hipona em sua obra *Cidade de Deus*⁸, em que ele lamenta a “queda da cidade eterna” e tenta isentar o cristianismo de qualquer culpa. Pode ser que isso tenha afetado Agostinho pela sua proximidade com o evento e também por sua necessidade de fazer uma defesa do cristianismo. Patrício não tem nada a ver com o ataque dos visigodos em Roma em 410. Por que teria? Se Hanson está correto e também o próprio Thompson em suas tentativas de contextualizar Patrício na Bretanha e que lá teria nascido no fim do quarto século, ele estava acostumado então com ataques de povos que considerava bárbaros, scotos, pictos, saxões etc. Por que Patrício deveria se importar com um ataque a Roma? Ele pelo menos soube disso? Se ele soube por que não disse nada?

Escolhemos este exemplo, mas há outros na obra de Thompson que poderíamos comentar. Por que Patrício deveria conhecer Diocleciano depois que estava na Irlanda vivendo entre bárbaros, que tinham poucas ligações com o Império Romano? Por que ele deveria mencionar o pelagianismo? E isso vale para outras questões também. Assim, acreditamos que Thompson está pensando nas grandes formas explicativas do passado e continua vendo um mundo que gira em torno de Roma e do Império Romano. Tanto é que quando tenta encontrar um papel para Patrício e afirmar-lhe alguma importância que não seja a de cristianizar irlandeses, Thompson localiza Patrício como “o primeiro missionário a deixar o Império Romano e...”, como já citamos neste artigo. Quando falamos de Bury, e até tentamos lhe entender no contexto em que ele viveu, dizíamos que ele apresentava uma idéia de romanização muito rígida. Aqui, Thompson parece compartilhar de formas

⁸ *Cidade de Deus* (De civitate Dei contra paganos) compreende 22 livros. Trata-se de uma resposta de Agostinho aos habitantes pagãos de Roma, a “cidade eterna”. A invasão e pilhagem de Roma por Alarico, líder dos Visigodos, em 410, levantou uma revolta entre os romanos que não eram cristãos. Para eles, a invasão bárbara era uma resposta dos deuses pagãos pelo abandono de seu culto pelo povo. Agostinho escreve combatendo esta idéia (Agostinho, 2003).

semelhantes de raciocínio, pelo menos na obra em questão, que data de 1986. Estamos certos de que pelo menos um problema há na obra de Thompson, o de pensar ou pelo menos sugerir que estas formas, nomenclaturas e padrões de análise que se tornaram clássicos na historiografia do ocidente, como “o pelagianismo”, “o saque de Roma pelos visigodos em 410”, “Diocleciano e os governos imperiais” deveriam ser mencionados por Patrício.

Edward Arthur Thompson é o autor que vai mais longe nestas investigações e tentativas de estabelecer a construção de contextos e escrever uma história dos referentes. Apesar dele discutir com vários autores sobre diversos pontos e apresentar argumentos para tentar situar inúmeras partes da vida de Patrício em seu contexto irlandês e bretão no século V, ele admite que localizar este contexto é algo que não é possível de ser realizado e que devemos aceitar que ambos os contextos sociais em que Patrício teria vivido estão perdidos de forma irremediável. Thompson discorda das teses que afirmam que Patrício foi importante, para dizer em termos gerais, por ter cristianizado milhares de Irlandeses. Para ele, sua importância está relacionada exclusivamente com a permanência de suas cartas para a posteridade. No entanto, o autor não consegue se desprender destas “grandes formas explicativas do passado” que os historiadores costumam usar em seus textos e ainda apresenta a tentativa de localizar um contexto para Patrício e “lamenta” o fato dele não citar alguns “acontecimentos” do século V da era cristã.

Considerações finais

Há outros autores que poderiam ser mencionados e suas obras comentadas neste artigo, no entanto, por questões de limitação, como já explicamos no início, escolhemos estes que citamos pelo fato de sintetizarem como os estudos acerca da vida e da obra de São Patrício foram sendo pensados ao longo do século XX. No que diz respeito as principais teses encontradas nestas obras, notamos que talvez em Hanson possamos perceber melhor estas mudanças, pois em sua primeira obra sobre São Patrício (1968), ele parece bem mais próximo das idéias de Bury, embora discorde em vários pontos, se apoiando na obra de Binchy. Já em sua segunda obra (1978), ele está bem mais próximo das teses que mais tarde serão defendidas por Thompson (1986). O objetivo deste artigo foi cumprido se nossa análise conseguiu demonstrar com clareza quais são as principais teses das obras mencionadas juntamente com os respectivos problemas que elas invocam e também a

mudança de posicionamento que ocorreu ao longo do século XX com relação aos estudos sobre a vida e a obra de São Patrício.

Referências Bibliográficas

a) Documentos textuais

SAINT PATRICK, *Confession et Lettre a Coroticus*. Traduit par HANSON, R.P.C. Paris: Du Cerf, 1978.

MUÍRCHÚ. Vita Patricii. In: GASPARRI, Stefano; SIMONI, Fiorella. Sansone: Firenze, 1992.

<http://www.storia.unive.it/RM/didattica/Did-Fonti.htm>. Acesso em 15 de Setembro de 2008.

b) Obras analisadas no corpus do artigo

BURY, J.B. *The Life os St. Patrick and his place in History*. New York: BMC, 1905.

HANSON, R.P.C. *Confession et Lettre a Coroticus*. Paris: DU Cerf, 1978.

_____. *Saint Patrick: His Origins and Career*. Londres: Clarendon Press, 1968.

THOMPSON, E.A. *Who was Saint Patrick?* New York: St. Martin's Press, 1986.

c) Obras gerais

BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no ocidente*. Lisboa: Presença, 1999.

CAHILL, Thomas. *Como os irlandeses salvaram a civilização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

CHARLES-EDWARDS, T.M. *Early Irish Law: Learned professions; druidi, fili, and brithem*. In: Ó CRÓINÍN, Dáibhi. *A New history of Ireland: Prehistoric and Early Ireland*. New York: Oxford University Press, 2005, p 350.

_____. *Early Irish Law: Written law- The influence of Latim*. In: Ó CRÓINÍN, Dáibhi. *A New history of Ireland: Prehistoric and Early Ireland*. New York: Oxford University Press, 2005, p 356.

FREEMAN, Philip. *ST. Patrick of Ireland*. New York: Simon & Schuster, 2004.

GREEN, Miranda J. *The Celtic World*. Londres: Routledge, 1996.

GUARINELLO, N. L. Escravos sem senhores: escravidão, trabalho e poder no Mundo Romano. *Revista Brasileira de História*, v. 26, p. 227-248, 2006.

HARRINGTON, Christina. *Women in a Celtic Church: Ireland 450-1150*. New York: Oxford University Press, 2002.

HUGHES, Kathleen. *The Church in Irish society, 400-800*. In: Ó CRÓINÍN, Dáibhi. *A New history of Ireland: Prehistoric and Early Ireland*. New York: Oxford University Press, 2005, p 301-329.

HUSKINSON, Janet. "Looking for culture, Identity and Power". In: *Experiencing Rome: culture, identity and power in the Roman Empire*. London, the open university: 2000. p. 3-28.

KLINGEN, Anne M.. *The Influence of St. Patrick on the Brehon Laws of Ireland*.

<http://home.olemiss.edu/~annek/libsci/PROPOSAL.htm>. Acesso em 15 de Setembro de 2008.

MILES, Richard. *Communicating Culture, Identity and Power*. In: HUSKINSON, Janet (ed.). *Experiencing Rome: Culture, Identity and Power in the Roman Empire*. New York: Routledge, 2005. p. 29-62.

Ó CRÓINÍN, Dáibhi. *Hiberno-Latin Literature to 1169: Christianity and the introduction of latin*. In: _____. *A New history of Ireland: Prehistoric and Early Ireland*. New York: Oxford University Press, 2005, p 371-372.

_____. *Ireland, 400-800*. In: Ó CRÓINÍN, Dáibhi. *A New history of Ireland: Prehistoric and Early Ireland*. New York: Oxford University Press, 2005, p 182-234.

O'MATHÚNA, Dónal P. *Saint Patrick: His Life and Beliefs at Ashland Theological Seminary*. Ohio: Ashland, 1992.

PAOR, Liam de. *Saint Parick's World*. Indiana: University of Notre Dame Press, 1993.

RAFTERY, Barry. *Ireland: a world without the Romans*. In: GREEN, Miranda J. *The Celtic World*. Londres: Routledge, 1996. p 636-653.

Recebido em: 15/09/2008

Aprovado em: 05/01/2009